

RELAÇÕES IDEOLÓGICAS E IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE O COMUNISMO: O CASO PARAIBANO (1945-1947)

Faustino Teatino Cavalcante Neto

INTRODUÇÃO

A partir da década de 1920 assistimos o início de uma crítica à história "tradicional", crítica essa que foi implacável especialmente em relação à história política, que se detinha, em maior número, ao estudo dos Estados através de suas guerras e relações diplomáticas. Trata-se da emergência da "História Nova", uma história que ao rechaçar a história metódica, dita positivista, se afirmou como uma escrita preocupada em estudar todo o "meio humano" (o econômico, o político, o cultural, etc.), vale dizer, uma escrita preocupada em estudar as totalidades históricas olhando igualmente para a economia, as mentalidades ou os costumes.

Foi neste berço que emergiram as primeiras pretensões do que se convencionou chamar de Nova História Política, cuja grande marca é a identificação de um campo específico do político, com estruturas e uma cultura que lhe são próprias. Perspectiva essa que se afirmou a partir da década de 1970, na sua Terceira Geração, quando então passou a preocupar-se com a história das formações políticas e das ideologias, onde o estudo da cultura política ocupa um lugar importante para a reflexão e explicação dos fenômenos políticos, permitindo detectar as continuidades no tempo de longa duração. Pensa-se agora, dentre outras variantes, em termos dos partidos políticos, das disputas eleitorais, das ideologias políticas, resignifica-se a ação dos homens no campo político, reconhecendo-se assim a pluralidade e a longa duração dos fenômenos que envolvem esse campo.

É nesse sentido que neste artigo analisamos como se estabeleceram as relações de forças políticas travadas pelo poder na Paraíba, no período de 1945 a 1947. Mais especificamente, consideramos os embates eleitorais entre o poder estabelecido, juntamente com as instituições que lhe serviam, e os militantes comunistas; processo esse que apreciamos como responsável pela construção de uma determinada cultura política, no caso peculiar o imaginário social acerca do comunismo.

Neste contexto, desenrolaram-se relações de poder, às vezes claramente identificadas, como o poder formal e impessoal, como o poder legal, como o uso da força ou como a influência social, política ou

ideológica, e, às vezes, inconscientes e subliminares, sob a forma do “poder simbólico”.¹³³

Bourdieu aborda a questão do poder a partir da noção de campo¹³⁴, considerando o campo do poder como um “campo de forças” definido em sua estrutura, pelo estado de relação de forças entre formas de poder ou espécies de capital diferentes. É um campo de lutas pelo poder, entre detentores de poderes diferentes; um espaço de jogo, onde agentes e instituições, tendo em comum o fato de possuírem uma quantidade de capital específico (econômico ou cultural especialmente) suficiente para ocupar posições dominantes no seio de seus respectivos campos, “afrontam-se em estratégias destinadas a conservar ou a transformar essa relação de forças”.¹³⁵

A “REDEMOCRATIZAÇÃO” E O EMBATE DAS FORÇAS POLÍTICAS PARAIBANAS: ESTADO X PCB

O processo eleitoral, ressurgido com a “redemocratização”¹³⁶ brasileira de 1945, ensejou a emergência das rivalidades latentes na luta pelo poder, representando o momento crucial do conflito: o embate de forças pela manutenção do poder por parte do governo e de sua conquista por parte de seus oponentes comunistas. É sobre este período que evidenciamos como o governo paraibano, junto às instituições civis que lhes serviam, empreendeu uma propaganda anticomunista no desenrolar das campanhas eleitorais de 1945 e 1947, por entendermos que tal processo contribuiu para aprofundar a constituição do imaginário sobre o comunismo.

Eleições de 1945: O Volver do Comunismo

A “redemocratização” na Paraíba encontrava-se em marcha desde o início de março de 1945, processando uma campanha presidencial que trazia, de um lado, as oposições que ganharam as ruas proclamando o candidato

¹³³ Cf. Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

¹³⁴ Para Bourdieu, o campo é um universo complexo de relações objetivas de interdependência entre subcampos ao mesmo tempo autônomos e unidos pela solidariedade orgânica de uma verdadeira divisão do trabalho de dominação. Diz respeito a uma população, ou seja, um conjunto de agentes suscetíveis de serem submetidos a partições reais e unidos por interações ou ligações reais e diretamente observáveis. O campo é um universo que tem sua especificidade e sua dinâmica próprias. Na medida em que a sociedade avança, ela se diferencia em universos separados: os campos. Cf. BOURDIEU, Pierre. *La Noblesse d'État: Grandes Écoles et Esprit de Corps*. Paris: Minuit, 1989, p. 373-374.

¹³⁵ *Idem*, p. 375.

¹³⁶ Ao longo de todo o estudo providenciamos aspear a palavra redemocratização por entendermos que as ações políticas que se seguiram a esse fato não podem ser compreendidas como sendo sinônimo de democracia, no sentido literal do termo.

Eduardo Gomes (UDN) e a derrubada de Vargas; e, do outro, a interventoria de Ruy Carneiro, que apoiava o general Dutra (PSD).

Durante essa “redemocratização” a sociedade brasileira converteu-se em espaço aberto para o debate e para a discussão de propostas de desenvolvimento e de soluções para as crises e os conflitos sociais. Uma utopia reformista e nacionalista mobilizou significativos segmentos da sociedade brasileira que acreditaram no nacionalismo, na defesa da soberania nacional, nas reformas socioeconômicas do país, na ampliação dos direitos sociais dos trabalhadores do campo e da cidade, entre outras demandas materiais e simbólicas. Barbosa, analisando este momento na Paraíba, esclarece:

Faziam-se comícios e promoviam-se atos públicos por todos os recantos do Estado, com distribuição de material de divulgação, inclusive folhetos de cordel. A poesia popular, através dos artistas autênticos, cantada nas feiras e comícios, levava ao povo a alegria pela conquista do direito de poder saudar a nova aurora que surgia no horizonte da pátria brasileira. Além das contribuições que, espontaneamente, eram colhidas junto ao povo, através das promoções, é de se registrar a ação até comovente de contribuintes anônimos que, por conveniências, escrúpulos ou o receio de comprometimento, preferiam fazê-lo em caráter sigiloso, para que seus nomes não aparecessem nas relações dos doadores.¹³⁷

Observamos que apesar de toda essa dinâmica social em meio ao contexto do “retorno” à democracia, assistia-se na Paraíba a permanência de muitas das práticas até então em vigor com a ditadura de Vargas. O militante comunista José Peba Pereira dos Santos nos relatou que em um comício realizado em fevereiro de 1945, na cidade de Campina Grande, em favor da redemocratização do país e pela libertação do líder comunista Luiz Carlos Prestes, esteve presente fazendo parte do evento, quando então relatou as experiências vividas nas várias cidades onde havia trabalhado. Como saldo dessa participação, no dia seguinte foi expulso da Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Indústria de Calçados, da qual fazia parte e que naquele momento já se encontrava cooptada pelo governo.¹³⁸

¹³⁷ Cf. BARBOSA, João Batista. *Santa Cruz e o Jornal do Povo: Uma Contribuição à História das Lutas Sociais na Paraíba*. João Pessoa: Santa Marta, 1985, p. 109.

¹³⁸ Entrevista concedida ao autor em 13 out. 2005.

Neste mesmo mês e ano, o movimento estudantil paraibano¹³⁹ havia dado um passo à frente com a criação do Centro dos Universitários Paraibanos, instituição fomentada por Afonso Pereira. Este e alguns outros intelectuais paraibanos inspiravam a Sociedade de Cultura Musical a promover recitais acompanhados de exposições político-culturais, cujo antifascismo constituía o traço inerente dessas manifestações no primeiro quadrimestre de 1945 na Paraíba. Estas, ao lado dos Grêmios Estudantis, constituíam-se dinâmicas “instituições recreativas, culturais, filosóficas e religiosas, que passaram a dar um novo caráter ao Estado que já não era o mesmo de antes”.¹⁴⁰ Em face dessa dinâmica, a interventoria paraibana de Ruy Carneiro, utilizando-se de nova estratégia, não partiu para repressão, preferindo utilizar a tática da cooptação dessas entidades, mediante crescente admissão de parte de seus representantes nos respectivos quadros dirigentes do governo Estadual. Não obstante, foi a partir desse contexto que surgiu a intelectualidade pensante que inicialmente manteve-se ao lado da oposicionista UDN e que depois fez ressurgir o PCB paraibano.

Em abril, o novo presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, substituiu a colaboração rooseveltiana com os soviéticos por uma aberta confrontação, assumindo assim o papel de baluarte anticomunista. A Guerra Fria punha-se a caminho, o que se revelaria fatal para a “redemocratização” brasileira e também paraibana.

Mesmo nesse contexto internacional, no dia 24 deste mês, os comunistas paraibanos lançaram a União Socialista da Paraíba (USP), confessadamente antifascista e favorável à retomada das liberdades fundamentais, pleiteando também uma legislação que aprovasse o direito de greve e o reconhecimento autônomo dos sindicatos. No dia seguinte a criação dessa entidade, Luiz Carlos Prestes concedeu uma decisiva entrevista que gerou o início da cisão entre a União Democrática Nacional (UDN) e os comunistas, cujo desfecho se deu em junho quando o líder comunista

¹³⁹ Em João Pessoa realizavam-se, desde 1940, reuniões intermunicipais estudantis. “A mais importante destas, o Congresso Estudantil de 1942, nos Salões do Liceu Paraibano, Campina Grande compareceu com delegação liderada pelos colegas Petrônio Figueiredo e Josmar Toscano Dantas. Na culminância desse processo, sobreveio o Centro Estudantil Campinense em que se apoiou Félix Araújo para as campanhas contrárias aos aumentos dos transportes, pão e cinemas, no período 1945/48”. Cf. MELLO, José Octávio de Arruda. “Cultura, Movimento Estudantil e Opção Partidária em Félix Araújo”. *A União*, João Pessoa, Correio das Artes, 26 e 27 de jul. 2003, p. 10.

¹⁴⁰ Afonso Pereira foi jornalista, ex-seminarista, professor do Seminário Arquidiocesano e do Liceu Paraibano, assim como oficial de reserva. Na Paraíba, foi o principal articulador cultural do pós-guerra, transitava fácil junto à chamada “Ala Moça”, que era constituída por Virgínius da Gama e Melo, Baldomiro Souto, Cláudio Santa Cruz, Dulcídio Moreira, João Neves, Péricles Leal, Ivanisse Pessoa da Cunha e Margarida Lucena. Cf. MELLO, José Octávio de Arruda. *Nos Tempos de Félix Araújo: Estado Novo, Guerra Mundial e Redemocratização (1937-1947)*. João Pessoa: SEC-PB/IPHAEP, 2003, p. 119.

pernambucano Gregório Bezerra recomendou que os comunistas do Nordeste fossem para o PCB.

Desgarrando-se do esquema de forças da UDN, os comunistas paraibanos instalaram o seu Comitê estadual a 21 de julho de 1945, graças aos esforços da Comissão Organizadora formada por João Santa Cruz, Américo Pinheiro e Manuel Alves de Oliveira. Na instalação oficial, marcaram presença as delegações de Pernambuco, Rio Grande do Norte e interior da Paraíba; na ocasião, o Comitê foi definido, enquanto Campina Grande, zonas do Brejo e Sertão ganharam delegados especiais.

A gestação dessa arregimentação comunista paraibana já vinha inquietando a Igreja Católica que logo se mostrou insatisfeita, conforme podemos comprovar pela leitura do jornal oficial do Estado *A União*, que lançou proclamação assinada pelo Arcebispo da Paraíba Dom Moisés Coelho, sentenciando que “os candidatos até esta data apresentados para a presidência da República são ambos dignos do sufrágio eleitoral dos católicos”¹⁴¹, o que significava a restrição por parte da Liga Eleitoral Católica¹⁴² à candidatura presidencial pecebista. Na mesma edição o padre Antônio Fragoso publicou artigo, intitulado “Católico e Comunista”, que teve como fonte o papa Pio XII, de maniqueia distinção entre os dois campos.

Segundo Bourdieu, o poder exercido pelo sistema religioso é o poder simbólico “(...) poder invisível que só pode se exercer com a cumplicidade daqueles que não querem saber que a ele se submetem ou mesmo que o exercem”.¹⁴³ Para Bourdieu, este poder é quase mágico, na medida em que permite obter o equivalente ao que é obtido pela força, graças ao efeito específico de mobilização. Todo poder simbólico é um poder capaz de se impor como legítimo, dissimulando a força que há em seu fundamento e só se exerce se for reconhecido. Ao contrário da força bruta, que age por uma eficácia mecânica, todo poder verdadeiro age enquanto poder simbólico. A ordem torna-se eficiente porque aqueles que a executam, com a colaboração objetiva de sua consciência ou de suas disposições previamente organizadas e preparadas para tal, a reconhecem e crêem nela, prestando-lhe obediência. O poder simbólico é para Bourdieu:

Uma forma transformada, irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder. As leis de transformação que regem a transmutação de diferentes

¹⁴¹ COELHO, Moisés. “Proclamação aos Paraibanos”. *A União*, João Pessoa, 24 abr. 1945, p. 01.

¹⁴² A Liga Eleitoral Católica foi criada pela Igreja durante as eleições de 1933, cujo único objetivo era bater de frente com os candidatos da Liga Pró-Estado Leigo, os quais eram acusados de pertencerem ao credo comunista e inimigos dos ideais católicos. No momento da “redemocratização” de 1945 ela foi revigorada para enfrentar os mesmos inimigos.

¹⁴³ BOURDIEU, Pierre. “Sur le Pouvoir Symbolique”. *Annales*, Paris, v.32, n. 3, p. 405-11, maio/jun. 1977, p. 31.

espécies de capital em capital simbólico e, em particular, o trabalho de dissimulação e transfiguração que assegura uma verdadeira transformação das relações de força, transformam essas forças em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais, sem gasto aparente de energia.¹⁴⁴

Assim como em outras partes do mundo, no Brasil da “redemocratização” de 1945 a Igreja Católica combateu as idéias comunistas. Esse posicionamento demonstra como a Igreja mantinha relações umbilicais com as classes dominantes, reproduzindo, fielmente, a ideologia do poder econômico e retirando os seus fiéis da influência das idéias marxistas. A publicação do jornal *A União*, mencionada acima, serve para demonstrar como se configuravam as relações ideológicas entre as autoridades paraibanas ou mandatários de plantão e os militantes comunistas paraibanos, em que os primeiros acusavam os comunistas como elementos intrusos à “redemocratização”, ou seja, perturbadores do processo democrático. Exemplo claro disso foi o fato de a Justiça Eleitoral, a 04 de setembro de 1945, advertir que o PCB paraibano “não podia registrar seus atuais estatutos porque ou se respeitam os princípios democráticos ou se os impugnam”.¹⁴⁵

A ostensiva presença do PCB da Paraíba nesse processo político-eleitoral continuou a inquietar a Igreja Católica, cujo arcebispo Dom Moisés Coelho organizou de 24 a 30 de setembro, em João Pessoa, a “Segunda Semana de Ação Católica”, apoiada pela União dos Moços Católicos e pelo Colégio das Neves. Esse evento, que trouxe a João Pessoa representantes do clero de Sergipe e Fortaleza, além de delegações religiosas do Recife, empreendeu um caráter político de campanha anticomunista, orientando os participantes a arregimentarem forças contra as pretensões do PCB.

Essa campanha eleitoral na Paraíba se fez notar, principalmente, na capital e em Campina Grande. Os comunistas campinenses Lourival Ernesto do Rego, Francisco Lima e Oliveiros Oliveira em depoimentos transcritos por Albuquerque do Ó, relataram que durante a realização do comício da Praça do Relógio, em Campina Grande, estavam presentes militantes, simpatizantes do partido e curiosos, além dos candidatos a deputados federais João Santa Cruz e Félix Araújo. Todavia, também estavam ali vários adversários que se destinavam a procurar criar situações conflituosas, o que não ocorreu graças à interferência do ex-prefeito local Antônio Pereira Diniz que apaziguou os ânimos, retirando do ponto os oradores sem maiores problemas. Uma situação semelhante de repressão, naquela cidade, relatada na mesma pesquisa pelos também militantes Francisco Lima e Aluísio Lucena, ocorreu

¹⁴⁴ Idem, p. 08-11.

¹⁴⁵ *Jornal A União*, 05 set. 1945.

dias depois durante o comício na Praça do Trabalho, onde grande multidão foi dissolvida a cacetadas pelas patrulhas do Exército. Francisco Lima narra:

Naquele dia Félix Araújo, Jurandi Siqueira, Edvaldo Câmara, Euclides Carolino, José Pereira dos Santos (Peba), eu e outros tivemos que enfrentar a truculência e arbitrariedade do comando militar. Logo que os soldados chegaram, Félix procurou o comandante da patrulha e mostrou sua condição de expedicionário e comentou que estavam realizando um ato democrático, mas nada daquilo o demoveu de executar a missão que lhe fora confiado: acabar o comício. Quando a pancadaria começou e o povo se espalhou, ele se refugiou no Juventude Social Clube que naquela hora realizava um matiné dançante, misturou-se aos demais e foi dançar.¹⁴⁶

O sapateiro comunista José Peba Pereira dos Santos relata que naquele comício:

Antes mesmo de se iniciar, confluíram vários caminhões de soldados, quase todo o quartel estava no local. No início ficamos receosos de começar, mas como havia muita gente decidimos correr o risco e começar. Confiando que os tempos tinham mudado e que havia uma relativa liberdade de expressão, concluímos que o exército não estava ali para provocar. No momento que o primeiro orador fez uso da palavra, uma patrulha principiou com insultos aos oradores. Houve um mal estar, seguido de empurra-empurra quando a tribuna foi invadida para ser quebrada. Aos gritos eles vieram de todos os lados. Armados com machadinhas, quebraram o palanque e correram atrás dos oradores. De todos o mais visado foi Félix Araújo.¹⁴⁷

Descreve ainda que desfeito o palanque, os policiais dirigiram-se à sede do PCB no edifício Esial e quebraram a placa grande que continha o símbolo do partido e que durante a “redemocratização” houveram perseguições e atentados as liberdades democráticas, como se não tivesse havido nenhuma mudança política em relação à ditadura varguista.

¹⁴⁶ Cf. ALBUQUERQUE DO Ó, Alcides de. *Campina Grande: História & Política (1945-1955)*. Campina Grande: Edições Caravela/NCP, 1999, p. 31.

¹⁴⁷ Apud. AUED, Bernardete Wrublevski. *O Sapateiro Militante: José Peba Pereira dos Santos*. Campina Grande: 2006, p. 189. Mimeografado.

Já no comício da Rua da Liberdade, quando chegou a vez de Peba falar, ele disse mais ou menos o seguinte: "Por ironia da vida estamos fazendo um comício na Rua da Liberdade, justo num lugar onde existe tamanha fome e miséria. Liberdade não combina com fome, muito menos com miséria".¹⁴⁸ Neste momento apareceu um cabo comandando uma patrulha do exército e começaram a empurrá-lo para fora do palanque, iniciando-se uma pancadaria generalizada que pôs fim ao comício. Travou-se uma verdadeira luta corporal e, em seguida, quase todos os oradores foram chamados ao quartel do exército para prestarem depoimentos, dentre eles Cláudio Agra Porto e Chico Lima, que integravam o Comitê Municipal do PCB. No quartel, Peba foi indicado como tendo escrito um discurso que se encontrava em mãos do tenente, que segundo este era muito abusivo para alguns senhores daquela cidade, tendo nele inclusive citações de Marx do Capital, perguntando-lhe de forma enfática se ele havia lido o livro.

Essa ação policial frente aos simpatizantes do comunismo se fazia sentir também nos municípios menores através das autoridades e, neste particular, destacavam-se a ação dos delegados de polícia, "o de Areia confiscou boletins e proclamações do médico paulista Caíres de Brito, líder da bancada vermelha na Câmara Federal. O de Sapé intimou o gerente da fábrica de óleo, acusado de concitar os operários a votar no PCB".¹⁴⁹

A presença eleitoral comunista, cada vez mais concreta, chamou tanto a atenção da Igreja Católica paraibana que de imediato ela constituiu a seção estadual do Partido Democrata Cristã, cuja base residia na Liga Eleitoral Católica e na própria Arquidiocese. A primeira encaminhou consulta aos candidatos, reafirmando os princípios programáticos da Igreja – indissolubilidade dos laços familiares, ensino religioso, legislação do trabalho inspirada nos preceitos cristãos. Já a arquidiocese manifestou-se através da pastoral do Arcebispo Dom Moisés Coelho, a perceber pelo artigo "A Igreja e o Atual Momento Político Brasileiro – Orientação aos Católicos":

Em qualquer dos dois principais candidatos podem os católicos votar. Quanto aos candidatos da representação federal falará a LEC. Há, porém, doutrinas político-sociais que devem ser repudiadas pelos católicos, impugnadas e combatidas pelos legítimos brasileiros, porque contém na sua dialética, princípios contra a Igreja, contra a Pátria e contra a família.¹⁵⁰

¹⁴⁸ Idem, p. 192.

¹⁴⁹ Cf. MELLO, José Octávio de Arruda. *Nos Tempos de Félix Araújo: Estado Novo, Guerra Mundial e Redemocratização (1937-1947)*. Op. Cit., p. 188-189.

¹⁵⁰ COELHO, Moisés. "A Igreja e o Atual Momento Político Brasileiro – Orientação aos Católicos". *A União*, João Pessoa, 18 nov. 1945, p. 01.

Nas proximidades do pleito presidencial, a LEC, que aceitava os postulados católicos da UDN, PSD, PDC e PPS, reforçava constantemente o discurso de que "Todos os partidos, exceto o comunismo, estão aprovados, (...) quem combater o materialismo pode estar certo de que estar defendendo a fé católica, as tradições nacionais, os direitos e os interesses da Igreja e do Brasil".¹⁵¹

Quando, em 26 de novembro, o candidato presidencial comunista Yêdo Fiúza, junto a Luiz Carlos Prestes, se dirigiu por duas vezes ao eleitorado da capital paraibana a Igreja Católica, atrelada à trilogia integralista Deus, Pátria e Família, lançou mão do anticomunismo, articulando para que as igrejas vibssem os sinos em sinal de luto, enquanto estudantes do colégio católico Pio X foram mobilizados para vaiá-los.

Não foi só na capital paraibana em que a Igreja Católica voltou-se contra o PCB. Sabino Guimarães¹⁵² disse que em Cajazeiras o pároco local, de origens oligárquicas, instigou a massa popular contra o reduzido núcleo comunista que, "inadvertidamente", denominou a célula local com o nome do religioso católico "Padre Rolim". Ele considerou ter sido um grande equívoco aquela denominação, porque provocou os católicos e as autoridades da cidade, como o prefeito, o delegado e o juiz de direito; este se recusou a lhes oferecer garantias. Uma multidão quis invadir e quebrar a sede comunista, tendo sido barrada pela resistência de Sabino, Zé de Lê e do mecânico Severino Costa. Narrou também que na ocasião da instalação da sede do PCB naquela cidade, quando lá esteve Santa Cruz, o delegado de polícia impediu que o líder comunista local hasteasse a bandeira do Brasil.

O militante cajazeirense ainda relatou que a ideologia do partido naquela cidade era combatida a cada celebração de missa pelo pároco local, que a representava como "coisa do demônio", incendiando o anticomunismo na população e estimulando a revolta. O embate só terminou quando os comunistas mudaram o nome da Célula.

Chama nossa atenção o fato dos comunistas paraibanos terem tomado a atitude de batizar algumas células com denominações católicas. Além da de Cajazeiras, em João Pessoa, a da Ilha do Bispo se chamava "Frei Caneca" e a do Bairro Jaguaribe de "São José"; já em Campina Grande, a do centro tinha por alcunha "Frei José Amorim" e a da Estação Velha também de "Frei Caneca". Podemos ser levados a entender que essa medida era uma estratégia dos comunistas na tentativa de se fazerem penetrar no seio da sociedade, essencialmente católica, assim como conterem as forças da Igreja Católica no que se refere às representações atribuídas aos vermelhos. Esta

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² Um dos comunistas mais conhecidos do Sertão paraibano, que foi candidato nas eleições de 1945 e 1947 a deputado federal e estadual, respectivamente. Entrevista publicada no jornal *A União*, 05 abr. 1987.

tática parece ter sido uma constante, pois Sabino Guimarães disse que em Cajazeiras, durante uma das comemorações do dia do trabalho, o padre Américo Maia tentou impedir as comemorações na Praça Camilo de Holanda, que “tinha na programação uma missa, afinal o operariado era católico. Nesse dia de 1951 ou 1952 foi um rebuliço danado”.¹⁵³

O químico industrial e militante comunista Lélío Joffily, disse que na cidade de Areia teve contra si “as beatas da paróquia que passaram a hostilizá-lo, depois da instalação do Comitê Municipal Comunista Areense”.¹⁵⁴ Já em Guarabira, quando os militantes se preparavam para iniciar um comício no coreto da cidade, “as portas da Igreja Matriz se abriram e do seu interior saiu uma procissão de fiéis que ocupou a praça, inviabilizando o meeting”.¹⁵⁵

Constatamos que nessas eleições presidenciais a Igreja Católica agiu fortemente com sua campanha anticomunista sobre o eleitorado do Estado, especialmente junto aos religiosos do interior, onde os vigários aproveitavam os sermões para representar aos fiéis católicos imagens nada promissoras sobre os partidários do marxismo-leninismo. Caso típico ocorreu em Cabaceiras, terra natal do comunista Félix Araújo, onde ele, então candidato a deputado federal, não conseguiu nenhum voto, muito embora, curiosamente, Fiúza tenha obtido, ali, 12 sufrágios. Sobre a ação da Igreja Católica nesse município durante as campanhas da “redemocratização” de 1945, a professora aposentada, Maria de Lourdes Gaudêncio Nóbrega, de 88 anos, nos relatou que “os padres não gostavam (...). Os padres eram revoltados por causa do comunismo. Aqui mesmo, na Igreja daqui, o padre pregava contra, num aceitava”. A funcionária pública aposentada Amélia Aires de Queiroz Cavalcante, de 76 anos, também nos disse que ali “A Igreja era contrária. A Igreja era contra, toda vida foi”.¹⁵⁶

O pequeno índice de sufrágios obtidos pelos candidatos do PCB paraibano nesse pleito, também pode ser observado como sendo fruto da forte campanha desenvolvida tanto pela UDN quanto pelo situacionista PSD. Este, a 20 de agosto, sob a liderança do interventor Ruy Carneiro, recrudescer esforços em Campina Grande, quando, sob a liderança de alguns sindicatos locais, concentrou cerca de 15 mil pessoas. Dalí, o PSD “liderou ainda os correligionários em excursão pelos municípios e distritos mais próximos de Joffily (Pocinhos), Cabaceiras, Puxinanã e Alagoa Nova, propagando o

¹⁵³ Entrevista publicada no jornal *A União*, 05 abr. 1987.

¹⁵⁴ Cf. MELLO, José Octávio de Arruda. *Nos Tempos de Félix Araújo: Estado Novo, Guerra Mundial e Redemocratização (1937-1947)*. Op. Cit., p. 208.

¹⁵⁵ Cf. MELLO, José Octávio de Arruda. “João Santa Cruz: O Patriarca do Comunismo na Paraíba”. IN: *História e Debate na Assembléia da Paraíba*. João Pessoa: A União, Vol. I, 1996. cap. 11, p. 512.

¹⁵⁶ Entrevistas concedidas ao autor em 23 abr. 2005.

repúdio ao comunismo ateu, totalitário, antipatriótico e antifamiliar”.¹⁵⁷ Todavia, como já referendamos, o principal adversário ideológico do PCB paraibano era a Igreja Católica. Absolutamente anticomunista, os dignitários católicos e párocos locais equiparavam os seguidores de Prestes ao demônio e que era necessário serem exorcizados, discurso esse muito divulgado nas escolas estaduais e municipais, no seio das famílias e no jornal oficial *A União*.

O quadro paraibano demonstrava como o país vivia a chamada “redemocratização”, que trazia em si práticas do Estado Novo, caracterizando-se em um acontecimento muito mais político que social.

A Eleição Estadual de 1947: Crescem os Obstáculos ao Comunismo

Apesar do processo de “redemocratização” vivido, no país recrudescia visivelmente a intolerância quanto às manifestações populares. Em 1946, o Jornal Católico paraibano *A Imprensa*¹⁵⁸ reapareceu atacando os marxistas, principalmente após estes realizarem manifestações políticas. Certa vez o PCB estadual e a facção avançada da União Democrática Nacional realizaram um comício no Bairro do Roger, na capital paraibana, o que levou esse jornal a passar a perseguir os atos dos comunistas, divulgando algumas chamadas em letras garrafais na sua primeira página, dentre as quais destacamos três das edições dos dias 27 e 29 de março e 24 de maio de 1946, respectivamente:

Operários da Paraíba. Lembrai-vos de 1935! O Comunismo promete trair a PÁTRIA – Pátria que é vossa e de vossos filhos!

O chefe Luiz Carlos Prestes, é um agente de governo estrangeiro, advoga no Brasil os interesses da Rússia e o comunismo tenta prolongar noutras nações o domínio moscovita.

Operários do Roggers lembrai-vos de 1935! O Comunismo promete trair a PÁTRIA, essa Pátria vossa e de vossos filhos!

¹⁵⁷ Cf. MELLO, José Octávio de Arruda. *Nos Tempos de Félix Araújo: Estado Novo, Guerra Mundial e Redemocratização (1937-1947)*. Op. Cit., p. 149.

¹⁵⁸ Na década de 1930 o Diário Católico *A Imprensa* exerceu um papel de propaganda clara pró-integralismo e de postura totalmente anticomunista. Porém, quando o interventor Ruy Carneiro foi empossado, a 15 de agosto de 1940, pretendendo subordinar diretamente o operariado e demais segmentos sociais, passou a dispensar a intermediação da Igreja. As relações entre a Arquidiocese e Interventoria se agravaram a 31 de maio de 1942, quando o interventor mandou fechar o jornal. Em março de 1946 o jornal reapareceu falando do “perigo vermelho” diariamente. Cf. MELLO, José Octávio de Arruda. *Ibidem*, p. 39.

A forma a qual foi redigida a primeira chamada citada deixa claro como a sociedade paraibana de então imaginava o movimento comunista de 1935, projetado enquanto discurso na memória oficial como a "Intentona Comunista"¹⁵⁹. Percebe-se também como, durante a "redemocratização", se recorria à rememoração dos fatos ocorridos em 1935, melhor dizendo das versões sobre eles, como uma arma importante na propaganda anticomunista, que para tanto cunhou a expressão "*lembrai-vos de 1935*" para reforçar o temor ao comunismo. A partir de então, e freqüentemente agindo com eficácia, a propaganda conservadora procurou mobilizar a sociedade contra os "comunistas" através da advertência de que, caso não fossem detidos, eles cometeriam de novo as supostas vilezas praticadas em 1935. Deste modo, os discursos e imagens construídos em torno da "Intentona" tornaram-se um dos esteios do anticomunismo paraibano, oferecendo suporte político-ideológico para justificar as campanhas de repressão.

Sobre esse poder de propaganda anticomunista, o pecebista campinense Francisco de Andrade Lima disse que, em junho de 1946, ele e sua esposa Iraci, junto a Félix Araújo, João Pintor e Doralice, cunhada de Francisco Pereira, foram à residência de José Bezerra e Ídia para um almoço festivo. Durante a ocasião, em meio a uma conversa, Doralice começou a cantar o refrão "Bandeira Branca triunfará e o comunismo se acabará (...)", deixando Félix pasmado e instigado a perguntar onde ela havia aprendido aquele hino. Ela de imediato respondeu que aquilo era o hino de Frei Damião e que se chamava "Bandeira Branca". Félix retrucou dizendo que aquilo era um plágio do hino do Partido Comunista Italiano, que se chamava "Bandeira Vermelha" e que o refrão na sua originalidade era "Bandeira Vermelha triunfará, e viva o comunismo pela liberdade!"¹⁶⁰

O episódio contempla a observação da ação da Igreja Católica, que muito cedo se preocupou em conter o comunismo. Em 1931, chegou ao Brasil o Frei Damião de Bozzano junto a outros capuchinhos que tinham como meta principal empreender missões catequéticas de combate ao comunismo e fortalecimento da Igreja. A Paraíba foi o campo escolhido para o início das atividades do Frei Damião e aquela situação vivida durante o

¹⁵⁹ Os acontecimentos de 1935 têm uma importância marcante na história do imaginário anticomunista brasileiro, na medida em que foram apropriados e utilizados para consolidar as representações do comunismo como fenômeno negativo. O episódio sofreu um processo de mitificação, dando origem à formação de uma verdadeira legenda negra em torno da 'Intentona Comunista' (Intentona = intento louco). O movimento foi representado – mitificado – como exemplo de concretização das características maléficas atribuídas aos comunistas e foi sendo reproduzido ao longo das décadas seguintes, num processo paulatino de construção e elaboração. Cf. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A "Intentona Comunista", ou a Construção de Uma legenda Negra. *Periódico Tempo* (Departamento de História da UFF), volume 7, n° 13. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2002, p.189-209.

¹⁶⁰ Cf. ALBUQUERQUE DO Ó, Alcides de. Op. Cit., p. 33.

referido almoço era resultado de seu empreendimento na ação que lhe foi atribuída. Ainda sobre a ação deste religioso na Paraíba Oliveiros Cavalcanti Oliveira nos relatou:

A Igreja usava um procedimento verdadeiramente antiético, dizia que os comunistas..., eu mesmo assisti uma palestra que Frei Damião fez, em 1934 ou 1935, dizendo que os comunistas comiam carne de criança. Na Igreja catedral, ele dizia que os comunistas comiam carne de crianças, outros diziam que não existia família no Estado soviético, não havia respeito humano, respeito familiar e que as mulheres soviéticas eram quase todas prostitutas. Era uma campanha violentíssima, a Igreja dizia que na Revolução Espanhola os comunistas tinham matado todos os padres (...). Então, era uma luta muito, digamos, desigual porque detinham todo o poder de propaganda e usavam violentamente contra os comunistas.¹⁶¹

Se os sistemas simbólicos são "denunciadores" de uma relação de poder - relação essa plenamente identificável na sociedade paraibana do período em estudo - deve-se atentar para o fato de que só "denunciam" essa relação porque são por ela definidos. Como afirma Bourdieu, 'esses "(...) sistemas simbólicos', como instrumentos de conhecimento e comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados". Mais ainda:

(...) É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento que os 'sistemas simbólicos' cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, (...) para a 'domesticação dos dominados'.¹⁶²

Nesse sentido, os sistemas simbólicos podem ser vistos como uma representação coletiva. Por isso mesmo, sua manifestação se dá de uma

¹⁶¹ Primeiro vereador comunista de Campina Grande, eleito em 1955. Ele foi candidato pela Coligação Social Trabalhista (composta pelo PSD e pelo PTB), pois o PCB ainda encontrava-se na ilegalidade, contudo era membro do Comitê Municipal do PCB e foi eleito com os votos do Partido. Depois de cumprir o mandato de vereador, passou a ser secretário geral da Câmara de Vereadores de Campina Grande, de onde se aposentou no início da década de 1990. Entrevista concedida ao autor em 23 nov. 2005.

¹⁶² Cf. BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Op. Cit., p. 09 e 11.

maneira que não pode ser percebida conscientemente. O fato de mascararem relações de poder não lhes retira a capacidade de traduzir tanto a visão do dominado quanto à do dominador:

(...) o poder simbólico não reside nos 'sistemas simbólicos' (...) mas se define numa relação determinada - e por meio desta - entre os que exercem o poder e os que lhes estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras.¹⁶³

Em resumo, para Bourdieu, os instrumentos de poder simbólico são essencialmente instrumentos de conhecimento e de construção do mundo objetivo, que se manifestam através dos mais diversos meios de comunicação (língua, cultura, discurso, conduta, etc.), garantindo àqueles que os possuem a manutenção e o exercício do poder.

Mesmo no período do legalismo do PCB (1945-1947), ser militante comunista ou simpatizante era motivo de ser perseguido pelas forças do Estado. O Departamento da Ordem Política e Social também não arriou a bandeira da espionagem naquele breve período de legalidade do partido, a perceber pelo caso de José Ferreira da Costa que, "em 18 de junho de 1946, foi expulso da Força Policial do Estado como indisciplinado no serviço militar e como simpatizante do credo comunista"¹⁶⁴ Nesse mesmo ano o estudante José Ramalho Clerot, filho do engenheiro Leon Francisco Clerot e Luzia Ramalho Clerot, membros da direção estadual do PCB, foi fichado neste órgão repressor por participar de um protesto estudantil em frente ao Colégio Estadual Liceu Paraibano, contra o fechamento do Jornal Tribuna Popular, porta-voz nacional de massas do Partido Comunista do Brasil.

As fomentações ideológicas carregadas de representações sobre o comunismo aumentavam à medida que se aproximavam as eleições para governador, vice-governador, senadores e deputados estaduais que se realizariam em 19 de janeiro de 1947. O comunista cajazeirense Sabino Guimarães explica:

¹⁶³ Idem, pp. 14-15.

¹⁶⁴ O DOPS foi um órgão repressivo do governo brasileiro criado em 1924, quando então os imigrantes passaram a ser o alvo privilegiado, já que estavam associados às reivindicações sociais e políticas do país. O órgão adquire força com a ditadura varguista, quando em suas delegacias eram interrogados, muitos sob tortura, os chamados "presos políticos", entre eles os marxistas em luta aberta contra o regime ditatorial. Cf. SILVA, Waldir Porfírio. *Bandeiras Vermelhas: A Presença dos Comunistas na Paraíba (1900-1960)*. João Pessoa: Editora Textoarte, 2003, p. 49 e 195.

Aqui em Cajazeiras, na campanha para a constituinte, nós fizemos um comício, inclusive com a presença de Santa Cruz, e foi um alarme. A Igreja, através das associações religiosas, tentou impedir. Durante o comício Santa Cruz estava fazendo um discurso, na Célula do partido, que funcionava na Praça João Pessoa, e foi uma reação violenta.¹⁶⁵

Foi neste contexto que, em 1946, seguindo orientação nacional, os militantes comunistas paraibanos instalaram o *Jornal do Povo*, que no primeiro momento de sua existência circulava semanalmente, aos domingos, depois, quando a situação financeira se agravou, passou a bi-semanário, as quintas e domingos. Em 1946 chegou a ser diário, quando deu sustentabilidade à campanha para as eleições de 1947, contribuindo para levar à Assembléia Legislativa estadual João Santa Cruz, que passou a doar parte dos seus subsídios para a manutenção do periódico.

Ocorridas às eleições de 19 de janeiro de 1947, o PCB conseguiu atingir o quociente eleitoral suficiente para eleger João Santa Cruz deputado estadual. Barbosa diz que ele:

Foi eleito por significativa votação, a despeito da cruel e impiedosa campanha que lhe moveram os centros religiosos, notadamente o clero católico que, embora não o citando nominalmente, o combatia se utilizando do púlpito e através de volantes, em linguagem virulenta contra os "agentes de Moscou".¹⁶⁶

Os resultados deste pleito são passíveis de considerações no tocante à percepção das relações de força entre as elites e seus representantes no poder estadual, e as lideranças comunistas que falavam em nome dos pobres em geral: de um lado, o Estado e seus afins que promoviam um discurso representativo sobre o comunismo, cujo fim era criar no imaginário social paraibano uma idéia apocalíptica sobre o PCB; e de outro, os militantes comunistas que promoviam explícita reação à ordem estabelecida. Muito embora estes tenham logrado o êxito de elegerem João Santa Cruz à Assembléia Legislativa paraibana, o número de sufrágios somados de todos os candidatos a deputados estaduais foi inferior aos obtidos na eleição passada pelo candidato pecebista a presidente Yêdo Fiúza. Observamos que na capital e em Campina Grande os votos tiveram um decréscimo significativo, enquanto que em Mamanguape, Santa Rita, Sapé e Guarabira acentuaram-se. Merece ser ressaltado o fato de que na eleição passada não houveram votos para o PCB apenas em oito municípios paraibanos e que

¹⁶⁵ Entrevista publicada no jornal *A União*, 05 abr. 1987.

¹⁶⁶ Cf. BARBOSA, João Batista. *Santa Cruz e o Jornal do Povo: Uma Contribuição à História das Lutas Sociais na Paraíba*. Op. Cit., p. 34.

nesta o número baixou para quatro, a saber, Soledade, Catolé do Rocha, Conceição e Itaporanga, o que possibilita compreender, apesar dos baixos números de sufrágios em muito dos municípios, a não homogeneização do poder de propaganda anticomunista pela Paraíba a fora.

“Diga Com Quem Tu Andas que Direi Quem Tu És”: Eleições Municipais de 1947

A campanha para as eleições municipais paraibanas de 1947, ocasião em que o PCB já havia caído na ilegalidade, é considerada pela historiografia paraibana como sendo uma das mais duras, do ponto de vista ideológico. Os seguidores da religião católica continuaram sendo protagonistas de várias ações políticas contra os marxistas da Paraíba, o que só fazia aumentar o abismo do relacionamento entre os católicos e os comunistas.

O município de Guarabira foi palco de um desses incidentes quando o deputado estadual comunista João Santa Cruz pretendeu realizar um comício naquele município, havendo conseguido “licença do delegado policial, tenente Caboclo para realização do comício”, por intermediação do deputado federal udenista Osmar de Aquino. Na hora marcada do comício dos comunistas, uma “procissão de católicos saiu de dentro da igreja Nossa Senhora da Luz e marchou sobre o coreto da praça, transformada em tribuna pelos partidários de Chico Baita e Maria Augusta de Oliveira”.¹⁶⁷

Outro exemplo destas ações foi quando o Centro dos Universitários Paraibanos, em 20 de maio de 1947, fez uma extensa programação para lembrar o líder estudantil comunista pessoense Baldomiro Solto, que tinha sido responsável pela fundação da entidade e que há um ano havia aparecido morto na praia de Tambaú em João Pessoa, quando estava com 21 anos de idade. Dois dias depois das comemorações o jornal anticomunista *A Imprensa*, não se referindo ao nome de Baldomiro Souto, mas ao fato do suicídio, insinuou em seu editorial “Comunismo, Inimigo da Mocidade”, que:

Suicídio entre jovem que tem formação marxista deve-se ao fato do apego que ele tem ao materialismo e o desprezo pelo destino eterno. (...) Malditos os princípios que reduzem o ser humano a um punhado de matéria, sem alma e sem um destino eterno. (...) Fazem despertar até aos jovens, para quem a vida deveria ostentar-se como o mais doce dos sorrisos.¹⁶⁸

Este editorial serviu ainda mais para promover as representações sobre os comunistas paraibanos e fomentar na referida sociedade imagens negativas da responsabilidade do marxismo ter perturbado a cabeça do líder estudantil, levando-o ao suicídio.

Neste pleito, o jornal *A Imprensa* continuou incansável na condenação ao comunismo, através de constantes e repetitivos artigos, evidenciando a apropriação que o discurso jornalístico faz da política. Defendeu, aberta e convictamente, a tríade “Religião, Pátria e Família”, a livre iniciativa e a defesa da propriedade. Da mesma forma, atribuiu ao comunismo o papel de “inimigo” e a personificação do mal. Uma particularidade, no desenrolar da Guerra Fria, atrelada ao poder atômico de ambas as potências envolvidas, foi o tom apocalíptico que a acompanhava e que foi assumido, sobremaneira pelos Estados Unidos. O sucursal católico representava e ilustrava de forma brilhante este pensamento nas páginas de suas edições. Ao incorporar este mesmo tom dantesco em suas narrativas, contribuiu para alimentar um temor constante, tanto em relação a uma guerra atômica, quanto a uma possível dominação mundial pelo comunismo.

A Igreja Católica, falando através desse órgão editorial, abriu as baterias contra não só os comunistas como também contra as agremiações partidárias que abrigaram os membros comunistas, pois com o decreto da ilegalidade do PCB seus membros procuraram guarida em outros partidos para se fazerem eleitos. Na sua primeira página de 05 de outubro de 1947, os membros da Liga Eleitoral Católica pediram aos fiéis da Igreja que não votassem nos candidatos da UDN que concorriam às prefeituras de João Pessoa e Mamanguape, porque eles haviam abrigado candidatos comunistas, conforme segue:

É preciso que se faça uma distinção: se a legenda da UDN, nas secções municipais de João Pessoa e Mamanguape, dado o acordo e a ligação com os comunistas, é considerada suspeita e por isso mesmo não possam os católicos e bons brasileiros sufragar-lhe os nomes, de plena consciência, não o será, porém, nos outros municípios paraibanos onde os candidatos da UDN souberam respeitar os sentimentos religiosos do eleitorado. (...) Chamamos ainda a atenção dos católicos para o PSB, que em Santa Rita e Mamanguape recolheu na sua chapa elementos comunistas das mais variadas graduações do extinto partido.¹⁶⁹

O jornal católico continuou durante todos os dias da semana que antecederam as eleições alertando o eleitorado católico a não votar nos

¹⁶⁷ MELLO, José Octávio de Arruda. “João Santa Cruz: O Patriarca do Comunismo na Paraíba”. Op. Cit., p. 34.

¹⁶⁸ Jornal *A Imprensa*, 22 maio 1945.

¹⁶⁹ Jornal *A Imprensa*, 05 out. 1947.

candidatos comunistas e em quem estes estivessem apoiando. Em uma nota oficial da Liga Eleitoral Católica, que foi publicada nos dias 07 e 12 de outubro de 1947, este último o dia da eleição, os anticomunistas afirmavam:

O comunista, justamente por professar uma ideologia totalmente oposta à concepção cristã da vida, como qualquer outro cujas idéias se afastam da doutrina católica, não poderá de nenhuma maneira receber os sufrágios dos católicos nem mesmo figurando em legendas de outros partidos. É lamentável que a UDN tenha incluído entre seus candidatos nome de comunista declarado.¹⁷⁰

E nos dias que antecederam o pleito, as representações anticomunistas nesse jornal se intensificaram na tentativa de desfazer as propagandas que os comunistas fizeram em defesa de seus candidatos. Mais uma vez, o periódico insistia para que os católicos não votassem nos nomes marxistas:

Não deixa de ser estranhável a desenvoltura com que conhecidos elementos comunistas da cidade percorram os nossos bairros a serviço de propaganda de serviços dos candidatos a que eles chamam, por eufemismo, de populares. Não sabemos se assim agem com beneplácito das autoridades policiais.

Candidatos comunistas ou os que se servem da propaganda e dos votos comunistas não merecem o sufrágio dos católicos

Todas as legendas e nomes de candidatos na capital, excetuando-se os do Partido Comunista e os que mantêm com o mesmo alianças suspeitas, merecem o sufrágio do eleitorado pessoense.¹⁷¹

À medida que se aproximava o pleito esse jornal publicou incontáveis e repetitivos artigos condenando e execrando os comunistas, mesmo quando o assunto não se referia ao tema, não era perdida a oportunidade de depreciá-los. No discurso jornalístico desse período os sentidos sobre os comunistas iam surgindo, muitas vezes, de forma dissimulada, ditos ao acaso, aparentando não haver ligação entre si. Porém, ganham visibilidade pela força da repetição e pela crítica à vezes nítidas, às vezes sutilmente disfarçadas em explicação.

Necessário se faz reiterar a relevância do papel da imprensa na construção de um imaginário a respeito dos comunistas. Na relação sujeito narrador e leitor, o jornalista é visto como alguém que detém o

conhecimento, se investe e é investido pelo leitor como aquele que sabe. Portanto, quem escreve usufrui uma posição privilegiada para influenciar o leitor.

Nesse jornal, a imagem do comunismo era constantemente veiculada e reforçada por esta repetição constante. Tal regularidade expressava todo um comprometimento ideológico com a causa anticomunista. Assim, o jornal descrevia os comunistas como a personificação do mal, o demônio com todos os seus atributos. E o mais grave: atingia a moral cristã, admitindo o divórcio, o amor livre e o aborto, o que era entendido como um incitamento à dissolução da instituição familiar, como demonstravam as afirmações do artigo "A RÚSSIA e o Amor Livre", que segue:

A revolução socialista de outubro (1917) aboliu a desigualdade política, jurídica e econômica da mulher, mas houve quem interpretasse erroneamente essa liberdade (...) Numa sociedade estritamente socialista, tal prática conduz a um relaxamento de costumes indigno do homem, suscita problemas pessoais, infelicidade e dissolução da família.¹⁷²

A demonização do comunismo, adotada pela imprensa, era de uso corrente nesse jornal. A luta entre socialismo e capitalismo passou a representar a luta do bem contra o mal, o embate entre Deus e o Diabo. O demônio era sedutor, astuto, sorrateiro, insidioso, envolvia suas vítimas inocentes com mentiras e falsas promessas. Era assim que o comunismo agia com suas vítimas, iludindo-as com falsas promessas de igualdade para depois escravizá-las: "Mais de um bilhão de pessoas, metade da população do mundo, são vulneráveis à sedução comunista", afirmava o artigo citado. Dizia ainda que o comunismo era perigoso, contagioso como uma doença: "A doença é um mal, mas a pior de todas as doenças é o comunismo. A própria Rússia era um gigante enfermo".

Ao comparar o comunismo a doenças, a intenção era mostrar que os comunistas só poderiam ser doentes. Certamente, pessoas saudáveis, em plena sanidade, não adotariam o comunismo como credo. Havia representações ligadas a animais, como aranha, polvo, etc., que pretendiam representar o projeto comunista de dominação mundial. Nesta analogia, o comunismo, com suas teias e tentáculos, maquinava silenciosamente uma cilada para os povos incautos. A União Soviética era identificada como centro irradiador do mal. Deste modo, o comunismo deixa de ser um conceito político para tornar-se a imagem de um país.

Apesar destas articulações visando divulgar imagens negativas sobre os comunistas, o resultado das urnas, no pleito municipal de 1947, mostrou a vitória de João Cabral Batista, como vereador mais votado de João Pessoa, e

¹⁷⁰ *Jornal A Imprensa*, 07 e 12 out. 1947.

¹⁷¹ *Jornal A Imprensa*, 09, 10 e 11 out. 1947.

¹⁷² *Jornal A Imprensa*, 13 out. 1947.

a de João Pedrosa Cavalcanti, em Campina Grande, que logrou a sétima posição.

Em Mamanguape os comunistas conseguiram eleger, com o apoio dos operários da Fábrica de Rio Tinto, o vereador José de Oliveira Ramos (Vigarinho) pela legenda do Partido Socialista Brasileiro. Ali Prestes pediu votos também para o candidato a prefeito udenista Orestes Lisboa.

Conclusão

No presente artigo estudamos como se resignificou um imaginário local sobre o PCB, durante a chamada “redemocratização” de 1945, e de que forma se deu o processo: da construção do discurso oficial à sua recepção pela sociedade. Para tanto analisamos a partir da reorganização política do PCB, ocorrida com a “redemocratização” de 1945, quando a derrocada nazista permitiu também a queda do Estado Novo getulista e possibilitou a reorganização dos partidos que por mais de dez anos se encontravam suplantados.

Observamos que o PCB paraibano se fez presente através de seus militantes e ao longo de todo esse processo, travando embate físico e ideológico com o poder então instituído e com as instituições civis que serviam a estes. Conhecedor do projeto de tomada de poder proposto desde VI Congresso Internacional, que teve lugar em Moscou no ano de 1928, cujas bases proletárias seriam responsáveis por esta tomada, o Estado, brasileiro e paraibano, desde então cuidou em “trabalhar” a sociedade no sentido de fazê-la crer no seu discurso sobre o comunismo. Utilizou-se para isso de elementos fortes para a persuasão do meio popular, a exemplo da Escola, da Família, da imprensa e, sobretudo da Igreja Católica que exerceu fundamental papel na representação da ideologia comunista, uma vez que na primeira metade do século XX a população paraibana era, essencialmente, católica. Os padres pregavam seus sermões representando que o comunismo era coisa do Diabo e que os religiosos deveriam combater este mau, não deixando que esta ideologia política se instaurasse. Entre os fiéis estavam proprietários rurais, camponeses, artesãos, comerciantes, funcionários públicos e outros pequenos agregados que acreditavam veementemente na propaganda anticomunista. Apesar das várias tentativas dos militantes comunistas de se fazerem presente no cenário local, foi, portanto sob essa égide que se construiu o imaginário sobre o comunismo na Paraíba, referenciado como algo mau e, portanto prejudicial àquela sociedade.